

humanitas



Vol. XXXVII-XXXVIII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XXXVII-XXXVIII



C O I M B R A

MCMLXXXV-MCMLXXXVI

Quanto à «versalhada aristocrática», não creio que o Prof. Leodegário tenha conhecimentos suficientes de latim para poder ler e apreciar, no original, os novilatinos portugueses ou outros quaisquer.

Mas Anchieta é um verdadeiro poeta e um homem culto do seu tempo. Assim o afirmaram contemporâneos de formação universitária como o seu confrade Inácio de Tolosa, doutor em Teologia, que «no catálogo de 1574» lhe chama «grande humanista» (7).

A. COSTA RAMALHO

Death in The Middle Ages Edited by Herman Braet and Werner Verbeke.
Mediaevalia Lovaniensia. Series II Studia IX. Leuven University Press, 1983, viii + 292 pp. + 7 gravuras.

Como vem afirmado neste volume colectivo sobre a «Morte na Idade Média», um dos fenómenos mais salientes, no âmbito europeu da história da cultura ao longo dos últimos dez anos, consiste precisamente na «Histoire de la mort» que a investigação francesa tem vindo a realizar sobre as perspectivas e as atitudes dos homens perante a morte (p. 19). Ficam assim reconhecidas, por um professor de Hannover, tanto a primazia da escola francesa marcada pela orientação dos «Annales», ou, mais rigorosamente, pela atenção muito particular que dois dos seus mais influentes membros (F. Braudel e L. Febvre) dedicaram a questões de sensibilidade colectiva, como a caracterização propriamente «francesa» dessa investigação.

Não compete aqui tecer explicações a propósito das incidências teóricas que as colorações nacionais ou particularizantes podem exercer sobre a «história da cultura», que, segundo alguns alegam, deveria talvez fixar-se sobre o universalmente válido do ponto de vista humano. Ora a história da morte constitui um eloquente exemplo dos problemas que se colocam à história da cultura. Mas não só isto: ela evidencia também, de forma clara, a própria génese e gestação das «invenções» com que a ciência histórica vai *criando* o passado. Os sinais que dos homens do passado o tempo foi permitindo conservar vão merecendo a atenção renovada dos investigadores em diversos momentos e locais, na busca da significação que devem comportar, segundo o ponto de vista de cada um. O interesse que ensaios de natureza «semiótica» têm revelado pelas coisas do passado é um sintoma desse modo de ir re-criando esse passado, não só no plano positivo das coisas acontecidas, mas

(7) Hélio Abranches VIOITI, S.J., *Anchieta, o apóstolo do Brasil*. São Paulo, Edições Loyola, 1966, p. 314.

também na perspectiva do sentido e do valor que elas deverão ter tido para os homens de outrora. Mas, tal como sucedeu com a anterior moda estruturalista, a elevação de andaimos «semióticos» em torno da coisa-em-si não é condição suficiente para criar, de per si, a renovação da investigação científica.

No entanto, apesar da facilidade com que os estudos semióticos poderão recuperar o tema da morte, não queremos sugerir que o presente volume perca em não se integrar na moda vigente. A obra agora editada situa-se antes no domínio mais comumente conhecido como «história da cultura», na medida em que a morte é aqui focada através das manifestações culturais que sobre ela ou com ela se relacionam (Cf. G. S. Williams, «Der Tod als Text und Zeichen in der Mittelalterlichen Literatur», p. 134). Aliás os trabalhos aí inseridos perspectivam a visão das atitudes para com a morte essencialmente a partir de testemunhos literários (no sentido de texto registado pela *littera*).

A morte surge, assim, como um «espelho» diante do qual se alonga a história dos homens (Cf. M. Vovelle, «L'Histoire des hommes au miroir de la mort», p. 1), imagem que estimula a abertura do leitor à ideia de que o «aspecto da morte» é «multiforme» (p. 2). Não são, porém, exclusivamente utilizados testemunhos «literários», mas também testemunhos litúrgicos, até porque a morte sempre fez parte da vivência religiosa dos homens, seja nos silêncios individuais, seja nas afirmações colectivas. Para a importância do contributo da liturgia cristã nos chama a atenção o artigo de Ph. Ariès, «Une Conception ancienne de l'au-delà» (p. 78), como modo de perscrutar o horizonte para além dos «silêncios» que preenchem os espaços entre os «indicadores» e os «vestígios» que do passado medieval chegaram até nós. Sinais de natureza idêntica procura explorar J. Avril, no seu estudo «La Pastorale des malades et des mourants aux XII^e et XIII^e siècles» (p. 88), ao analisar «os actos litúrgicos e sacramentais que acompanham os últimos momentos do cristão na terra», aos quais o autor aplica a designação de «pastorais», apesar do anacronismo.

Mas, e como se apontou atrás, o texto escrito constitui um «indicador» privilegiado; é nesse campo que se movem os trabalhos de J. Chiffolleau, «Ce qui fait changer la mort dans la région d'Avignon à la fin du Moyen Âge» (p. 117), de Ph. Tristram, «'Olde Stories Longe Tyme Agoon'. Death and the Audience of Chaucer's Pardoner» (p. 177), de D. Poirion, «La Mort et la merveille chez Marie de France» (p. 191), de J. Ch. Payen, «L' *Homo viator* et le croisé: la mort et le salut dans la tradition du douzain» (p. 205), de J. Dufournet, «Commynes et la mort» (p. 222). O próprio artigo de Cl. Thiry, «De la mort marâtre à la mort vaincue: attitudes devant la mort dans la déploration funèbre française» (p. 239), que incide sobre textos classificáveis no domínio da *deploratio funebris*, revela como a busca hermenêutica do sentido da «morte» procura, naturalmente, os «indicadores» mais eloquentes ou mais fortemente significativos. Não será para admirar, por conseguinte, que os sinais verbais, as palavras, na medida em que se oferecem como centros polarizadores de ideais, conceitos e sentimentos, constituam um terreno convidativo à investigação (Cf. J. Saugnieux, «Le vocabulaire de la mort dans l'Espagne du XIII^e siècle d'après l'oeuvre de Berceo», p. 150).

A morte como fenómeno — mas em rigor os «indicadores», na linguagem de Vovelle, é que são «fenómenos» — é inseparável de todo o enquadramento social

que acompanha a vida do cristão, com que, no fundo, se identifica o homem europeu medieval; é inseparável, portanto, dos ensinamentos e do didactismo fornecidos pelos textos bíblicos (Cf. N. Sprandel, «Alter und Todesfurcht nach der Spätmittelalterlichen Biblexegese», p. 107). Mas é também inseparável da fronteira, tão indefinida, entre o mundo da prudência — e a morte alimenta sempre a meditação moralizante — e o mundo da loucura, onde impera a ambiguidade das coisas e dos valores (Cf. Cl. Blum, «La Folie et la mort dans l'imaginaire collectif du Moyen Age et du début de la Renaissance (XII^e-XVI^e siècles). Positions du problème», p. 258).

O leitor que percorre o presente volume sobre a morte nos tempos medievais defronta-se com o postulado aí implícito de que a Idade Média não só traduziu uma forte homogeneidade cultural no referente à morte, mas também impôs à história europeia atitudes que resistiram à passagem dos séculos. Apesar disso, e apesar também de algumas generalizações e inclusivamente de alguma falta de novidade, não restam dúvidas de que o presente volume, resultante do Colóquio Internacional que o Instituto de Estudos Medievais da Universidade Católica de Lovaina promoveu em 1979, constitui um instrumento de trabalho importante colocado em 1983 à disposição dos estudiosos. Mas não esqueçamos que o objectivo do Colóquio consistia, fundamentalmente, em possibilitar o encontro de investigadores cujos estudos se situam em domínios disciplinares distintos, ainda que susceptíveis de convergência e de complementaridade temáticas e metodológicas, faceta característica da «história da cultura». É certo que poderá alguém perguntar se um tema tão cheio de «silêncios» e de «vestígios» provindos do inconsciente dos homens pode fornecer a base temática e metodológica para uma investigação coerente. Cremos que a própria existência do volume colectivo que temos na frente é prova de que a resposta só pode ser afirmativa, como a tradição dos trabalhos sobre a morte tem vindo a evidenciar.

Como anotação final, registemos a inclusão de um «index nominum» e de um outro «index codicum manu scriptorum», que, no final do volume, constituem úteis instrumentos de consulta.

JORGE A. OSÓRIO